

figurado português

de santos e diabos está o mundo cheio

Isabel Maria Fernandes
Angélica Lima Cruz
Antonino Jorge
Alberto Tapada
Inácio Nuno Pignatelli
Alberto Correia
Maria Manuel Bringel
Rafael Salinas Calado
Rui de Sousa Martins
José Campinho

© ??

ALBERTO CORREIA
ALBERTO TAPADA
ANGÉLICA LIMA CRUZ
ANTONINO JORGE
INÁCIO NUNO PIGNATELLI
ISABEL MARIA FERNANDES
JOSÉ CAMPINHO
MARIA MANUEL BRINGEL
RAFAEL SALINAS CALADO
RUI DE SOUSA MARTINS

coordenação científica **ISABEL MARIA FERNANDES**

revisão ??

design gráfico **VERA VELEZ**

fotografia **JOSÉ CARLOS GARCIA**

Edição ??, Novembro 2005

ISBN ??

Agradecimento

A edição deste livro contou com a colaboração do Instituto do Emprego e Formação Profissional para a fotografia das peças.

Índice

- 7** Prefácio
Isabel Maria Fernandes
- 9** Rosa Ramalho: as minhas mãos são o nosso mundo
Isabel Maria Fernandes
- 25** Mistério que se traduz em Domingos, Virgínia, Manuel e Francisco
Isabel Maria Fernandes
- 35** Figurado de Galegos: a vida das formas e as formas de vida
Angélica Lima Cruz
- 83** Albano Pinto de Carvalho: um «escultor» de figurado em terra de oleiros
Antonino Jorge e Alberto Tapada
- 93** Bonecos de barro de Vila Nova de Gaia
Inácio Nuno Pignatelli
- 111** Figurado: as mãos de Homens: Ao jeito de Javé
Alberto Correia
- 115** Barristas de Viseu: uma revelação do mundo
Alberto Correia
- 135** Figurado de Mafra: uma visão do mundo
Maria Manuel Bringel
- 149** Josafaz: Joaquim Lourenço faz
Isabel Maria Fernandes
- 155** O figurado conhecido por «bonecos de Estremoz»
Rafael Salinas Calado
- 179** O figurado recente que surgiu no concelho de Odemira
Rafael Salinas Calado
- 183** Representações dos costumes populares na escultura cerâmica dos Açores
Rui de Sousa Martins
- 203** A recriação do mundo pela olaria madeirense
José Campinho
- 216** Notas
- 221** Bibliografia



PREFÁCIO

Isabel Maria Fernandes

Desde que o homem é homem que sempre sentiu necessidade de se «duplicar», por isso, a humanidade tem crescido seguindo de perto o lema «crescei e multiplicai-vos»... Mas, também é verdade que, desde que o homem é homem foi encontrando maneiras de perpetuar a sua imagem – lembremos o homem «esquemático» que nos surge nas grutas pré-históricas ou as belíssimas esculturas de barro provindas de longínquas civilizações orientais. No meio em que foi crescendo sempre o homem gostou de se ver representado – em barro, em pedra, em metal, enfim, nos materiais que tinha à mão. Essa representação do homem pelo homem é, talvez, o modo de este olhar para dentro si e para sua posição no mundo. É, talvez, a forma de tentar conhecer-se a si próprio e de moldar o mundo e as mundividências que o rodeiam à sua escala e medida, à medida da sua arte e da sua compreensão dos outros. Ao retratar-se, o homem cria um mundo arrumado segundo a sua própria lógica e no qual valoriza o que quer valorizar. É como que agarrar em nós próprios e escolher, ponto por ponto, o que se gosta ou o que se não gosta. Para isso, e por causa disso, o homem faz-se representar na pintura, na arquitectura e na escultura, passando os seus medos e os seus desejos, as suas virtudes e os seus defeitos para a «pele» do outro que aí fica, estático, olhando e interrogando aquele que o criou...

Este diálogo do homem com o seu alter-ego, tanto se dá na pintura erudita com na pintura popular, na escultura de escola como nos singelos bonecos de barro feitos num recôndito lugar de uma aldeia transmontana. Num caso como no outro, o homem quis ver-se representado, duplicado, noutra suporte que não aquele que lhe suporta a alma. Um homem retratado por um escultor de escola – uma daquelas esculturas que consideramos arte maior –, tem sempre por detrás da sua criação os anseios e as interrogações do homem que o criou, as mesmas interrogações e anseios que levam um barrista popular a criar um «tosco» boneco de barro. O que varia, de um caso para o outro, são as mãos que moldam a escultura erudita ou o boneco popular, as mãos que criam o seu «arquétipo» à imagem e semelhança do homem, tratando é claro de o interpretar segundo a «ideia», a arte, a técnica e as mundividências de cada um.

Este livro, que hoje tendes na mão, vai guiar-vos por entre o mundo dos barristas ditos populares, ou seja, por entre o mundo dos barristas que são povo e que ao povo representam. Perpassar o nosso olhar sobre este figurado português que figura o homem e os que com ele habitam é fazer uma viagem por Portugal. Não uma viagem por vales e montanhas, por rios e mares, mas uma viagem pelo interior do homem português – pelos seus sonhos e pelos seus pesadelos; pelo seu Deus, pelos seus santos e pelos seus demónios; pelos seus amores e desamores; pela sua história e pelas suas estórias; pela sua ventura e pelas suas desventuras, enfim, pela sua vida. E, através da sua vida encontramos a nossa – os nossos desejos e os nossos medos, os nossos gostos e os nossos desgostos.

De facto, cada vez que olhamos para outro homem, ou para a representação de outro homem, estamos a conhecer-nos mais um pouco. Quer experimentar?

Mistério Filhos: Manuel

Ceia de Diabos (pormenor),
Galegos, Santa Maria, Barcelos, séc. XXI, alt. 17 cm